



Prefacio a uma anthologia portugueza:

Os periodos, que uma nação atravessa no decurso da sua litteratura não se prestam, as mais das vezes, a uma distincção immediatamente facil. Tanto porque "periodos", nesta fluida e penetrada cousa chamada a vida, sejam, um pouco, hypotheses e conveniencias da intelligencia, como porque, deveras, o fim de um periodo e o principio de outro se misturam num amalgama difficil de definir, essa distincção resulta ardua.

Poder-se-hia, facilmente, cair no erro scepticista de affastar a idéa de periodo. Mas, porque o instavel precisa do estavel para ser instavel, etc etc

Um periodo litterario differe de outro não, em geral, pelo genero de cousas cantadas - porque essas mudam pouco e são poucas -, mas pelo modo de encarar a realidade.....

Fundamentalmente, pois, um periodo litterario não passa de um conceito metaphysico interpretado pelo sentimento. Tanto assim é que, demonstravelmente, não ha renovação litteraria que não haja sido acompanhada por uma renovação philosophica. A dissolução do aristotelismo escolastico (não importa saber até que ponto elle era realmente aristotelico) coincidindo com a Renascença; a dissolução das philosophias dogmaticas, coincidindo com o romantismo; em menores graus,.....

Posto, pois, que um movimento litterario não passa, no fundo, da manifestação d'um novo conceito do universo, expresso pelo sentimento, resultará que em Portugal nunca houve ainda mais do que dois periodos litterarios. A esta conclusão, aliás, haviamos chegado antes que houvessemos estabelecido as suas razões sociologicas, e apenas pela directa impressão que os factos nos tinham causado.

O primeiro periodo da nossa litteratura é todo dominado por aquelle conceito do Universo que se encontra dentro do catholicismo: tal periodo dura desde a formação da nacionalidade (ou, para o nosso caso, desde que ha litteratura portugueza) até aquelle periodo a que erradamente se chama "romantico" entre nós, o de Garrett e Herculano, em que esse conceito do Universo começou a dissolver-se.

Data de ahí a antemanhã do nosso segundo periodo litterario, ainda longe de estar a meio-caminho.

Só quando logramos chegar a um conceito portuguez do Universo teremos attingido o periodo altamente creador da nossa litteratura.

A inferioridade fundamental da litteratura franceza, motiva-a a circumstancia de que os francezes nunca tiveram um conceito do universo que fôsse cousa flagrantemente sua. Viveram sempre metaphysicamente nos niveis baixos do pensamento. A sua obra é politica e social, como povo, não fundamentalmente civilizational. De ahí aquella circumstancia de que nunca attingiram a culminancia em nada - o que Matthew Arnold disse no verso

France, famed in all great things, in none supreme {...}

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).